

**ANCESTRALIDADE E NEOANTROPOFAGIA SOB EXAME:
REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS
ACERCA DE AILTON KRENAK**

ANCESTRALITY AND NEO-ANTHROPOPHAGY UNDER SCRUTINY: SOCIO-
DISCURSIVE REPRESENTATIONS IN ACADEMIC WORKS ON AILTON
KRENAK

Fábio Luiz Nunes¹

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Resumo: Ailton Krenak, líder indígena, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, produz uma obra filosófica que questiona narrativas hegemônicas. Este artigo identifica e descreve os imaginários sociodiscursivos acionados em produções acadêmicas brasileiras sobre Krenak. Para a coleta do corpus, utilizou-se o Portal de Periódicos da CAPES, com filtros de acesso aberto e trabalhos em português publicados entre 2021 e 2026, dentre outros procedimentos de seleção, resultando em dez itens. A análise, apoiada na semiolinguística de Patrick Charaudeau, concentrou-se em avaliações, adjetivações e marcadores linguístico-discursivos, observando as relações entre sujeito comunicante e sujeito enunciador. Os resultados revelaram quatro grandes grupos de imaginários: resistência decolonial e anticapitalista; crise do antropoceno e ecocriticidade; mediação poética intermundos; e justiça epistêmica. Os trabalhos mobilizam saberes de conhecimento (científicos, experienciais) e saberes de crença (revelacionais, opinativos), projetando Krenak como referência contra hegemônica de pendor consagratório. O estudo aponta uma tendência celebratória que é capaz de reduzir tensões internas da obra examinada pelo discurso acadêmico.

Palavras-chave: Imaginários sociodiscursivos; semiolinguística; análise do discurso; Ailton Krenak; produções acadêmicas.

Abstract: Ailton Krenak, a Brazilian Indigenous leader, writer, and member of the Brazilian Academy of Letters, produces a philosophical body of work that challenges hegemonic narratives. This article identifies and describes the socio-discursive imaginaries deployed in Brazilian academic literature concerning Krenak. To compile the corpus, the Portal de Periódicos da CAPES was utilized, applying filters for open access and works in Portuguese published between 2021 and 2026, alongside other selection procedures, resulting in ten items. The analysis,

¹ Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Didática, Práticas de Ensino e Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Docência na Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) e em Formação Docente para a Cultura Digital pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Psicólogo pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (CMMG). Profissional técnico-administrativo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3054450943770058>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>. E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br.

grounded in Patrick Charaudeau's semiolinguistics, focused on evaluations, adjectivizations, and linguistic-discursive markers, observing the relationships between the communicating subject and the enunciating subject. The results revealed four major groups of imaginaries: decolonial and anti-capitalist resistance, the Anthropocene crisis and ecocriticism, interworld poetic mediation, and epistemic justice. The studies mobilize factual knowledge (scientific, experiential) and belief-based knowledge (revelational, opinion-based), projecting Krenak as a counter-hegemonic reference with a consecratory inclination. Ultimately, the study points to a celebratory tendency capable of reducing the internal tensions of the work as examined by academic discourse.

Keywords: Socio-discursive imaginaries; semiolinguistics; discourse analysis; Ailton Krenak; academic works.

Submetido em 10 de junho de 2026.

Aprovado em 12 de agosto de 2026.

Introdução

Antropoceno é o termo que vem sendo utilizado para designar o período histórico-geológico em que a ação humana passou a moldar de modo decisivo o planeta, alterando o clima e os ecossistemas. Suas raízes remontam à expansão euroimperialista desde o final do século XV, marco do extermínio de inúmeros povos originários e da instalação de uma lógica de espoliação fundada no racismo e na usurpação de territórios periféricos (Silva, 2025). É dessa conjuntura que eclode a instabilidade civilizatória contemporânea, sustentada por uma dissociação entre ser humano e natureza, e pela promessa de um desenvolvimento econômico ligado à superioridade ocidental. Para Xerfan e Leal (2025), a obra ensaístico-filosófica de Ailton Alves Lacerda Krenak tem se posicionado frente a essa ordem ao propor uma desconstrução de narrativas hegemônicas, com o que recoloca a cosmovisão indígena no centro do debate intelectual e denuncia a histórica invisibilização dos sujeitos oprimidos.

Nascido em 1953 na região do vale do rio Doce, em Minas Gerais, Krenak sofreu ainda na infância os efeitos da desterritorialização, deslocando-se para o Paraná, onde atuou no jornalismo e na produção gráfica (FUNAI, 2024). Mais tarde, engajou-se na defesa dos direitos indígenas, participando da fundação da União das Nações Indígenas, em 1982, e do Núcleo de Cultura Indígena, em 1985 (ABL, [2024?]). Sua projeção nacional se intensificou na Assembleia Constituinte de 1987, quando, ao pintar o rosto com jenipapo e discursar no Congresso, fez de sua presença um gesto histórico de afirmação política. Desde então, sua produção intelectual, com títulos como *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *O amanhã não está à venda* (2020), *A vida não é útil* (2020)

e *Futuro ancestral* (2022), tornou-o uma das vozes mais potentes das identidades indígenas contemporâneas (Silva, 2025; Xerfan; Leal, 2025).

A pesquisa parte da seguinte indagação: como o discurso acadêmico, pretensamente objetivo, elabora representações sobre uma literatura que se propõe decolonizada? Trabalhos como o de Xerfan e Leal (2025) documentam o protagonismo indígena na obra de Ailton Krenak, mas não interrogam as próprias operações discursivas que mobilizam ao fazê-lo. Para dar conta dessa lacuna – mas agora tomando as próprias leituras secundárias de Krenak como objeto –, recorre-se à noção de *imaginários sociodiscursivos* (Charaudeau, 2007), que se distinguem dos *estereótipos* por não serem julgados como falsos ou verdadeiros, mas como formas de apreensão do mundo fundadas em saberes de conhecimento e de crença.

O objetivo deste artigo consiste em identificar e descrever os imaginários sociodiscursivos agenciados em produções acadêmicas publicadas por periódicos brasileiros com ISSN² nos últimos cinco anos, cujo objeto recai sobre a biografia, a trajetória política e/ou a produção intelectual de Ailton Krenak. A aplicação do quadro semiolinguístico ao *corpus* justifica-se por sua capacidade de desnaturalizar a pretensa transparência do texto acadêmico, revelando como ele constrói, e não apenas reproduz, o real (Charaudeau, 2009). O percurso do artigo divide-se nas seguintes seções: método, que explicita a seleção do *corpus* e os procedimentos analíticos; fundamentação teórica, que aprofunda a reflexão sobre a categoria de imaginários sociodiscursivos; análise e discussão dos dados, em que se identificam os imaginários recorrentes; e considerações finais, que sintetizam os achados sem pretender encerrar o debate.

1. Método

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativo-documental, voltada à análise de imaginários sociodiscursivos mobilizados em produções acadêmicas cujo assunto é Ailton Krenak e/ou sua obra. A base de dados consultada para a coleta do *corpus* foi o Portal de Periódicos da CAPES,³ em maio de 2026. O termo de busca definido foi “ailton krenak”, aplicado em todos os campos do trabalho. Adotaram-se, ainda, os seguintes filtros de busca: tipo de material = artigo; acesso aberto = sim; produção nacional = sim;

² *International Standard Serial Number* (ISSN) é o identificador internacional normalizado utilizado para a identificação única de publicações seriadas, como periódicos científicos, revistas e coleções contínuas.

³ Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 03 maio 2026.

idioma = português.

Os seguintes critérios foram estabelecidos para a seleção:

- *Gênero do discurso*: prioritariamente artigos; admitir-se-iam resenhas e ensaios, mas seriam excluídas entrevistas, planos de aula, sequências didáticas e assemelhados;
- *Idioma*: a língua principal do trabalho deveria ser o português;
- *Temporalidade*: trabalhos publicados entre 2021 e 2026;
- *Abrangência temática*: trabalhos que deveriam tratar de Ailton Krenak e/ou de sua obra de forma central;
- *Exigência institucional*: periódicos brasileiros com ISSN ou e-ISSN ativo, ao menos na data de publicação dos trabalhos.

Na triagem inicial, 26 resultados foram recuperados; desse total, 1 não atendeu ao critério de idioma principal e 2 não atenderam plenamente ao critério de abrangência temática, sendo então excluídos da amostra. Os 23 trabalhos remanescentes atenderam aos critérios propostos e foram reunidos em dois grupos: um deles abrangeu textos em que Ailton Krenak e/ou sua obra constituem tema central e único, ao passo que o outro reuniu estudos em que esse pensador e/ou sua obra aparecem como tema central, mas em diálogo com outros autores ou obras. Privilegiou-se o primeiro grupo, que totalizou 10 resultados, os quais compuseram a amostra definitiva deste estudo e estão descritos na subseção 3.1, intitulada *Apresentação do corpus*.

Para o tratamento discursivo do material, realizou-se, inicialmente, uma leitura prévia flutuante, seguida de leitura analítica do *corpus* sob o viés semiolinguístico, com emprego da categoria de imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2006, 2009). Nesse procedimento, observaram-se, sobretudo, avaliações, adjetivações e demais marcadores linguístico-discursivos que organizam os saberes de crença postos em circulação pelos autores-enunciadores dos trabalhos examinados. Buscou-se, assim, descrever de que modo tais marcas lexicais e enunciativas participam da construção de imagens de Ailton Krenak, de sua obra e dos sentidos a eles associados no universo acadêmico.

2. Teoria semiolinguística e imaginários sociodiscursivos

A semiolinguística, desenvolvida por Patrick Charaudeau no quadro da análise do discurso de tradição francesa, é uma abordagem que recusa a redução do ato de linguagem a uma simples transmissão de informação entre emissor e receptor (Charaudeau, 2009).

De modo diverso a perspectivas centradas exclusivamente em marcadores gramaticais ou em estruturas textuais internas, essa teoria postula que os sentidos se constroem na articulação de três lugares de relevância: as condições de produção, a materialidade do texto e as condições de interpretação (Charaudeau, 2023).

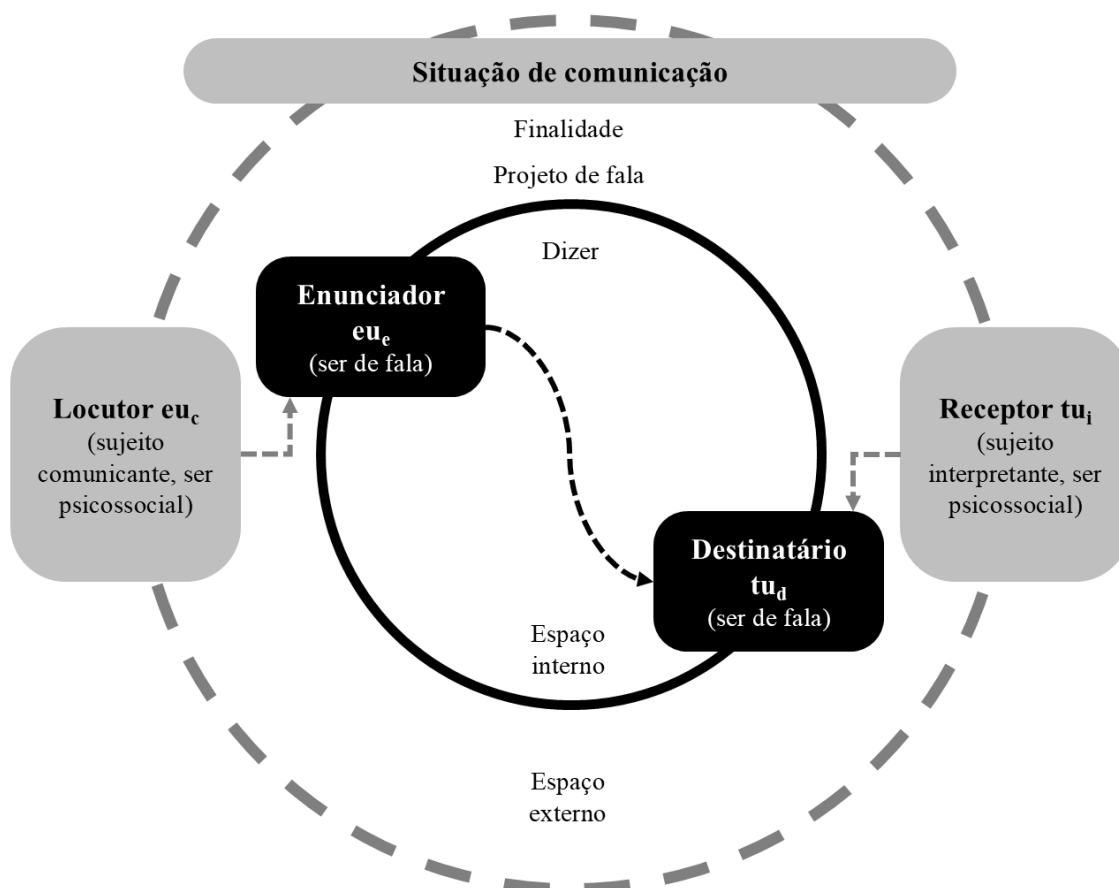
Segundo esse teórico (Charaudeau, 2009), o ato de linguagem não resulta de uma intenção unilateral do falante, mas de uma construção conjunta que envolve quatro sujeitos distintos (figura 1). O *sujeito comunicante* (eu_c) é o agente psicossocial, situado historicamente, que inicia o processo de produção. Ele projeta no enunciado uma imagem de si, o *sujeito enunciador* (eu_e), que funciona como uma máscara discursiva. Do lado da recepção, o *sujeito destinatário* (tu_d) corresponde ao interlocutor ideal fabricado pelo eu_c , aquele a quem o discurso se dirige em sua configuração verbal. Já o *sujeito interpretante* (tu_i) é o agente real, externo ao texto, que atribui sentido a partir de seus próprios saberes e crenças, podendo confirmar ou frustrar as expectativas do eu_c .

Essa distribuição quatripartite denuncia, como se vê, o caráter encenado de qualquer ato linguageiro. A encenação discursiva, dirá Charaudeau (2022), opera por meio de contratos de comunicação, conjuntos de restrições sociolinguageiras que definem os estatutos dos parceiros e orientam as estratégias do eu_c para produzir efeitos determinados sobre o tu_i . No caso da comunicação científica, o contrato impõe uma suposta neutralidade. O eu_c costuma dissolver suas marcas pessoais, fazendo crer que o eu_e não passa de um porta-voz de um “ele-verdadeiro”, um saber objetivo exterior ao sujeito. As restrições desse gênero discursivo incluem a verificabilidade empírica, o recurso ao plano do conhecimento (seja de natureza científica, seja de natureza experiencial) e a legitimação institucional do falante por meio de filiações acadêmicas e metodologias explícitas. O tu_d é fabricado como um leitor idealmente racional, disposto a avaliar proposições segundo critérios de coerência lógica e evidência factual. Contudo, o tu_i real, ao interpretar o texto, mobiliza suas próprias filiações teóricas e pode descolar-se desse destinatário ideal, produzindo leituras não previstas (Charaudeau, 2023).

A neutralidade científica, portanto, não corresponde a uma transparência absoluta da linguagem: trata-se de uma estratégia de encenação regulada por um contrato de comunicação específico, visando a *efeitos de sentido* específicos. O eu_c , ao mesmo tempo em que se submete às restrições de objetividade, busca legitimar seu discurso para que o tu_i o reconheça como crível. Esse jogo entre a máscara enunciativa e a interpretação alheia caracteriza toda atividade discursiva, inclusive aquela que se pretende mais rigorosa. A

semiologia pode oferecer, então, instrumentos para desnaturalizar a pretensa invisibilidade do sujeito na escrita acadêmica, apontando as operações de produção de verdade que subjazem ao texto (Charaudeau, 2022).

Figura 1. Os quatro sujeitos do ato de linguagem, segundo Charaudeau

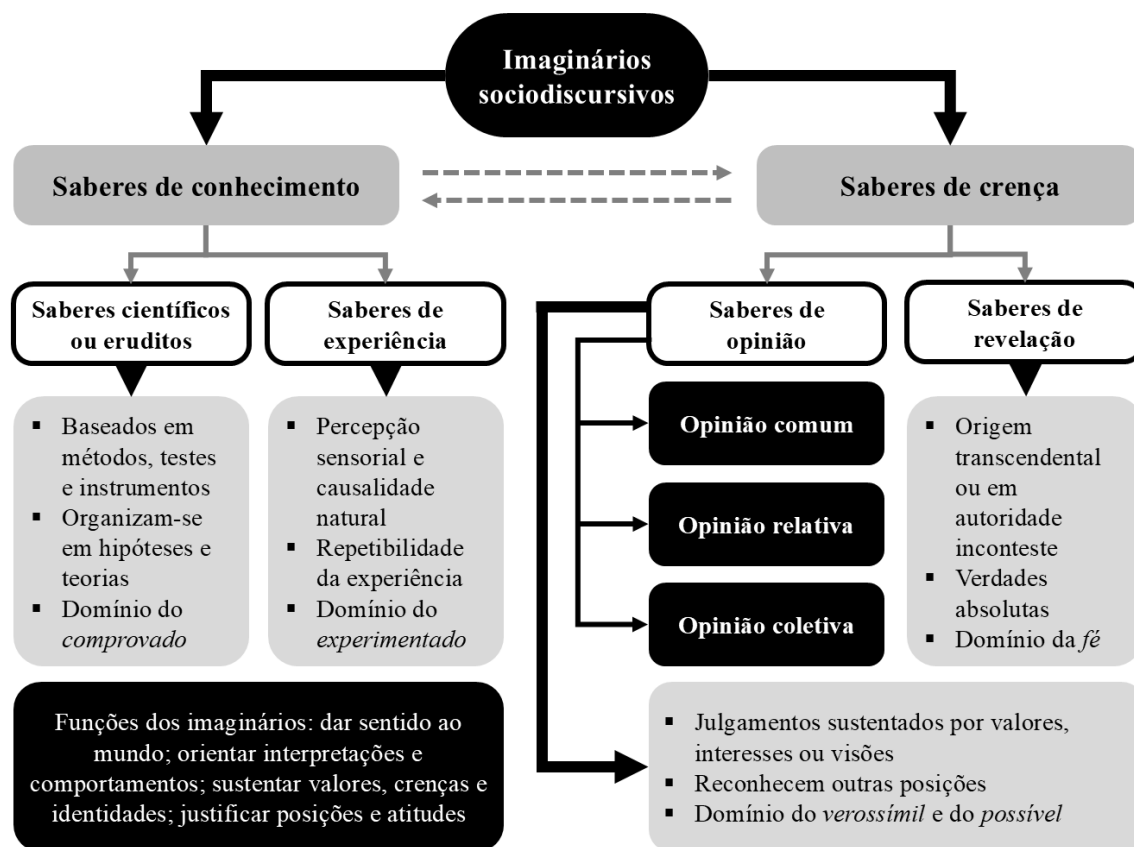


Fonte: elaborado pelo autor (2026), adaptado de Charaudeau (2009).

Elemento primordial no presente estudo, a noção de imaginários sociodiscursivos, como proposta por Charaudeau (2007), herda e transforma conceitos oriundos da *teoria das representações sociais* de Moscovici (2007). Esse psicólogo romeno, ao retomar o trabalho de Durkheim sobre representações coletivas, propôs as representações sociais como sistemas de valores, ideias e práticas que permitem aos indivíduos orientar-se no mundo e comunicar entre si (Jodelet, 2008). Distintamente das representações coletivas, vistas como estáveis e coercitivas, as representações sociais enfatizam a dinâmica de construção e transformação do senso comum em sociedades modernas, heterogêneas e midiáticas. Nessa direção, Charaudeau (2007) considera a ideia de *estereótipo* demasiado restritiva por carregar um julgamento negativo de falsidade ou de

simplificação excessiva. Em seu lugar, ele propõe os *imaginários sociodiscursivos* (figura 2), que não são nem verdadeiros nem falsos, mas visões de mundo fundadas em saberes que circulam nas comunidades humanas. Essa substituição ressignifica a tarefa do analista: não se trata de denunciar um estereótipo como enganoso, mas de identificar como determinado imaginário emerge, em que situação comunicativa se inscreve e que visão de mundo testemunha (Amossy; Pierrot, 2010).

Figura 2. Sistema conceitual dos imaginários sociodiscursivos



Fonte: Charaudeau (2006, 2007, 2011, 2022).

Os imaginários organizam-se a partir de dois grandes tipos de saberes: os *saberes de conhecimento* e os *saberes de crença* (Charaudeau, 2007). Os saberes de conhecimento buscam estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo que existiria fora da subjetividade do falante, enunciada por uma voz impessoal, a da ciência ou da ordem das coisas. Eles se subdividem em *saberes científicos ou eruditos*, baseados em procedimentos de observação, experimentação e cálculo, e *saberes de experiência*, fundados na repetição de eventos percebidos como universais, principiológicos. Os saberes de crença, por sua vez, procedem do olhar do sujeito sobre a legitimidade de

eventos e ações humanas, envolvendo avaliações e julgamentos de valor. Eles se dividem em *saberes de revelação*, que exigem adesão total a uma verdade transcendental (doutrinas religiosas ou profanas), e *saberes de opinião*, que são resultado de um posicionamento pessoal ou coletivo sobre os fatos do mundo, sem pretensão de universalidade (Charaudeau, 2022).

No discurso acadêmico, esses dois regimes de saber frequentemente se mesclam. Um artigo científico que analisa a obra de Ailton Krenak poderá mobilizar saberes de conhecimento (dados biográficos verificáveis, citações exatas de suas obras) ao mesmo tempo em que aciona saberes de crença (julgamentos sobre a legitimidade do ativismo indígena, avaliações sobre a importância de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, a ABL, etc.). Essa dinâmica caracteriza os imaginários sociodiscursivos que vão orientar a leitura do leitor-acadêmico (Mello, 2012).

Charaudeau (2006) mostra que os discursos sociais obedecem a um *contrato de comunicação* que estabelece os papéis dos parceiros e as finalidades da troca. Para o discurso acadêmico, a visada principal seria a de informação, ou *fazer saber*: transmitir conhecimentos verificados, citar fontes, respeitar normas metodológicas. Porém, mesmo o texto mais rigoroso não escapa a uma visada de captação-persuasão, ou *fazer sentir*: o enunciador busca adesão do leitor a seu ponto de vista, convencê-lo da relevância de seu objeto e da justeza de sua interpretação (Charaudeau, 2009).

Essa dupla visada do discurso acadêmico, porém, não garante automaticamente a inclusão dos saberes ancestrais em seu circuito legítimo de produção. Afirma Inocêncio (2023) que a resistência das instituições de ensino e pesquisa a esses saberes não resulta de mera desinformação, mas de um longo processo histórico de *epistemicídio* que relegou as cosmologias ameríndias à marginalidade científica. Durante muito tempo, as universidades brasileiras reproduziram o paradigma colonial, tratando o pensamento indígena como objeto de estudo antropológico, não como fonte de teoria política válida (Xerfan; Leal, 2025). Esse silenciamento institucional, porém, vem sendo forçado a se remodelar diante da pressão crescente dos movimentos indígenas e da emergência de vozes como a de Ailton Krenak.

A exigência por uma educação decolonial e por políticas de ações afirmativas tensiona as estruturas rígidas do saber acadêmico, que agora se veem diante de um dilema: incorporar esses saberes de forma transformadora ou mantê-los enclausurados em nichos especializados. A própria ideia de *fim do mundo*, em Krenak, é uma denúncia da

incapacidade do Ocidente de conceber alternativas ao colapso civilizatório, ao mesmo tempo que aponta para a necessidade de reposicionar a escuta institucional (Silva, 2025).

A obra ensaística de Ailton Krenak parece não se enquadrar muito bem em categorias redutoras como “literatura marginal” ou “testemunho étnico”; para Mellado Gómez e Buló Vargas (2025), ela se configura como uma teoria política sofisticada que requer da academia um trabalho sistemático de decodificação. Krenak (2022) operacionaliza conceitos como *alianças afetivas*, *florestania*, *confluência* e *suspensão do céu*, que são categorias analíticas redefinidoras dos próprios fundamentos do político.

Alianças afetivas são vínculos políticos baseados na alteridade radical e na reciprocidade entre humanos e não humanos, sem que isso exija a anulação das diferenças. *Florestania* opõe-se à cidadania moderna ao reivindicar direitos coletivos dos povos da floresta ancorados na relação orgânica com o território, não no indivíduo abstrato do neoliberalismo. Por sua vez, *confluência* é a articulação entre mundos diversos que se afetam mutuamente sem se fundir, em contraposição à convergência da política ocidental que tende à homogeneização. Por fim, a *suspensão do céu* (*taru andé*, na língua krenak) refere-se a um ritual de dança e canto que alivia a pressão simbólica exercida pela abóbada celeste sobre a Terra, ampliando o horizonte existencial e a potência subjetiva da comunidade; ele é realizado para afirmar a identidade e a resistência do povo diante de ameaças e de um futuro incerto (Krenak, 2022).

Sua formulação de uma *política selvagem*, baseada na alteridade radical entre humanos e não humanos, desafia os dualismos modernos (natureza-cultura, sujeito-objeto) sobre os quais se assentam as ciências humanas ocidentais (Inocêncio, 2023). Autores como Mellado Gómez, Buló Vargas (2025) e Silva (2025) ensaiam uma leitura de Krenak em que, ao invés de tratá-lo como porta-voz de uma cosmovisão exótica ou como articulador de um ativismo legítimo, porém extradisciplinar, reconhece em sua produção um corpo teórico coeso, ainda que não sistematizado nos moldes eurocêtricos, o que posiciona Krenak ao lado de pensadores como Bruno Latour e Isabelle Stengers no debate sobre a ecologia política e os efeitos do antropoceno.

3. Análise e discussão dos dados

Do conjunto de dez produções acadêmicas que compõem o *corpus* da pesquisa, identificadas de S01 a S10 (quadro 1), observa-se uma distribuição equilibrada entre artigos científicos e resenhas: cinco artigos e cinco resenhas acadêmicas.

Quadro 1. Itens que integram o *corpus* examinado

Identificador do <i>subcorpus</i>	Gênero	Área	Ano	Periódico	ISSN ou e-ISSN	Qualis (2021-2024)
Título						
S01 Ailton Krenak, pessoa-poesia em <i>performance</i>	Artigo científico	Artes e educação	2025	<i>Revista Brasileira de Estudos da Presença</i>	2237-2660	A1
S02 Educação e ancestralidade em contratempo: nos rastros de Ailton Krenak	Resenha	Educação	2023	<i>Cadernos de Pesquisa</i>	1980-5314	A1
S03 Costuras para adiar o fim do mundo: reflexões com base na obra <i>A vida não é útil</i> , de Ailton Krenak	Artigo científico	Estudos literários	2022	<i>Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea</i>	2316-4018	A1
S04 Seguir contando histórias: o gesto antropofágico e o significado existencial da história na obra de Ailton Krenak	Artigo científico	História	2022	<i>Revista de História</i>	2316-9141	A1
S05 Ideias para adiar o fim do mundo	Resenha	História	2021	<i>Acervo</i>	2237-8723	A1
S06 Bibliografia selvagem: um estudo sobre a biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo	Artigo científico	Ciência da inform.	2023	<i>Ciência da Informação</i>	1518-8353	A2
S07 “A vida não é útil” de Ailton Krenak	Resenha	Ciência da religião	2021	<i>Último Andar</i>	1980-8305	A2
S08 Para Ailton Krenak em <i>A vida não é útil</i> , “somos a praga do planeta”, mas podemos mudar	Resenha	Estudos literários	2021	<i>Anuário de Literatura</i>	2175-7917	A3
S09 Ideias para adiar o fim do sonho (e do sonhar): aspectos da vida onírica para Ailton Krenak	Artigo científico	História	2024	<i>Temporalidades</i>	1984-6150	B1
S10 Ailton Krenak e a defesa da inutilidade da vida	Resenha	Estudos literários	2022	<i>Vozes & Diálogo</i>	2237-4531	B1

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

As datas de publicação concentram-se entre 2021 e 2025, com picos em 2021 (quatro trabalhos) e 2022 (três trabalhos). Quanto à classificação Qualis CAPES (quadriênio 2021-2024), predominam os estratos superiores: S01 (Silva; Dravet, 2025), S02 (Reis, 2023), S03 (Nogueira; Moreira; Pinto, 2022) e S04 (Franco Neto, 2022) são

A1; S05 (Ferreira; Filizola, 2021) também A1; S06 (Romeiro; Santos, 2023) e S07 (Aversa, 2021) figuram como A2; S08 (Savi, 2021) como A3; S09 (Carvalho, 2024) e S10 (Maurer, 2022) como B1. A identificação sequencial dos *subcorpora*, como se pode depreender, respeitou o critério de maior avaliação no sistema Qualis.

A diversidade disciplinar dos dez itens é um evidente sinal da transversalidade do pensamento krenakiano. Os estudos literários comportam três trabalhos: S03, S08 e S10. Os estudos historiográficos apresentam-se em S04, S05 e S09, somando três ocorrências. A área da educação aparece em S01 e S02; os estudos artísticos também em S01; a ciência da informação em S06; e a ciência da religião em S07. Essa dispersão por áreas demonstra que a ensaística de Krenak é mobilizada como objeto de análise em campos distintos do conhecimento. No recorte aqui examinado, resenhas e artigos dialogam com o mesmo conjunto de obras do autor (especialmente *Ideias para adiar o fim do mundo* e *A vida não é útil*), mas o fazem a partir de protocolos metodológicos e recortes temáticos heterogêneos, o que torna produtiva a investigação dos imaginários sociodiscursivos acionados em cada um desses textos.

3.1. *Investigação semiolinguística dos imaginários*

Para dar início à análise dos imaginários sociodiscursivos mobilizados nos dez trabalhos selecionados, procedeu-se a uma categorização dos *subcorpora* com base nas principais representações que cada um deles agencia sobre a figura de Ailton Krenak e/ou sua obra. A partir das semelhanças semântico-discursivas identificadas nos textos, foram reunidos quatro grupos temáticos (quadro 2), cada um correspondendo a uma grande visão de mundo projetada sobre o pensador indígena.

O grupo I, composto por S02, S03 e S10, constrói Krenak como teórico da resistência decolonial e anticapitalista. O grupo II (S05 e S08) enquadra sua obra no debate sobre a crise do período antropoceno e como uma proposta de ecologia crítica. Já o grupo III (S01, S07, S09) projeta a imagem de Krenak como interlocutor poético entre universos distintos, questionando o utilitarismo moderno. Por seu turno, o grupo IV (S04 e S06) imagina o autor como agente de justiça epistêmica, reorganizando modos de produção do saber reificado. Esses imaginários globais, retomando Charaudeau (2006), são modos de apreensão do mundo que transformam a realidade em real significativa, construindo sentidos socialmente partilhados.

Quadro 2. Grupos de *subcorpora* segundo as representações-chave de Krenak e sua obra

Grupo	Representações-chave	Subcorpus	Título
I	Resistência decolonial e anticapitalista	S02	Educação e ancestralidade em contratempo: nos rastros de Ailton Krenak
		S03	Costuras para adiar o fim do mundo: reflexões com base na obra <i>A vida não é útil</i> , de Ailton Krenak
		S10	Ailton Krenak e a defesa da inutilidade da vida
II	Crise do antropoceno e ecocriticidade	S05	Ideias para adiar o fim do mundo
		S08	Para Ailton Krenak em <i>A vida não é útil</i> , “somos a praga do planeta”, mas podemos mudar
III	Mediação poética intermundos	S01	Ailton Krenak, pessoa-poesia em <i>performance</i>
		S07	“A vida não é útil” de Ailton Krenak
		S09	Ideias para adiar o fim do sonho (e do sonhar): aspectos da vida onírica para Ailton Krenak
IV	Justiça epistêmica	S04	Seguir contando histórias: o gesto antropofágico e o significado existencial da história na obra de Ailton Krenak
		S06	Bibliografia selvagem: um estudo sobre a biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

O percurso investigativo, como mencionado, tem início com a análise do grupo I, composto pelos itens S02, S03 e S10. Em S02 (Reis, 2023), o resenhista-enunciador mobiliza um evidente imaginário de resistência decolonial ao projetar Krenak como antagonista do “necrocapitalismo” e do “capitaloceno”. O excerto “Krenak é peremptório ao dissolver a ideia branco-cristã do apocalipse pedagógico. Antes, aponta nessa fábula a perversão e a truculência ideológica de (des)governos sedentos, vis e secos, bem como as grandes corporações [...]” (S02, p. 3) revela como Krenak é vinculado a um saber de crença que denuncia a violência do Estado e do mercado. Ainda, ao evocar a “florestania” como “transformando as cidades por dentro” (S02, p. 4), o enunciador projeta uma visão de mundo em que a política da confluência substitui a da cidadania neoliberal (Inocêncio, 2023). Esse imaginário, deve-se reiterar, não se pretende verdadeiro ou falso, mas organiza um sistema de pensamento que justifica a ação social contra a ordem colonial.

Em S03 (Nogueira; Moreira; Pinto, 2022), os autores também constroem Krenak sob o imaginário da crítica anticapitalista, associando sua obra à desconstrução de dualismos da modernidade. Em “Krenak efetiva aqui a desconstrução que dissemos, ora,

opondo ao mundo da vigília uma continuidade do mundo dos sonhos, e também o inverso; põe em xeque os binômios que dominam o imaginário filosófico ocidental [...]” (S03, p. 5), os autores-enunciadores registram a produção intelectual de Krenak no interior de um saber de crença que rechaça a separação entre natureza e cultura. Quando afirmam que “os corpos estão inter-relacionados com qualquer organismo vivo, com o planeta, e [...], assim como há os ciclos da Terra, há os ciclos do e no corpo” (S03, p. 6), eles acionam tanto um saber científico fundado nos ciclos geoquímicos e na biologia ecossistêmica quanto o imaginário subjetivo de alianças afetivas, em que a política se expande para além das trocas humano-humano (Mellado Gómez, 2025).

Em S10 (Maurer, 2022), a autora-enunciadora, por meio de uma resenha sobre a obra *A vida não é útil* (2020), consolida o imaginário de resistência anticapitalista, já que projeta Krenak como crítico da necropolítica e da instrumentalização da vida. A passagem “Krenak enxerga a pandemia como a resposta de um organismo vivo do planeta a esse pensamento doentio dos humanos e um ataque ao nosso modo de vida” (Maurer, 2022, p. 59) é paradigmática por sugerir um saber de crença que atribui agência à Terra. Nesse excerto, ainda que o sujeito de fala opere um apagamento da responsabilidade enunciativa, atribuindo explicitamente seu dizer ao autor resenhado, o índice de avaliação “doentio” e o determinante vinculado à primeira pessoa do plural “nosso” imprimem uma clara tomada de posição que deposita valores e enfatiza uma visão disforizada do humano frente ao natural.

Esse movimento de afastamento enunciativo se verifica igualmente em “[...] o autor se mostra contrário à ideia de sustentabilidade como iniciativa individual [...]” (S10, p. 60). Elaborar-se aí um imaginário em que a utilidade e o consumo são substituídos pela defesa da “inutilidade da vida”. Sob essa perspectiva, viver não seria para produzir ou consumir, mas para fruir a existência como uma dança cósmica: sonhar, cantar e se conectar com a natureza sem finalidade utilitária.

Passa-se, então, à análise do grupo II, composto pelos *subcorpora* S05 (Ferreira; Filizola, 2021) e S08 (Savi, 2021). Nesses itens, nota-se a evocação de representações que consagram o autor indígena como referência de um pensamento ecológico crítico genuinamente brasileiro. Em ambos os textos, o sujeito comunicante, ao projetar o sujeito enunciativo, constrói uma imagem de profunda reverência acadêmica, retratando Krenak como figura profética diante do que se convencionou denominar crise do antropoceno (Silva, 2025). Em uma recensão acadêmica sobre *Ideias para adiar o fim do mundo*

(2019), figura 3, os autores-enunciadores de S05 argumentam que Krenak “é considerado um dos mais importantes pensadores brasileiros” (S05, p. 1), e reforçam que “o Antropoceno [sic] é visto por Krenak como conclusão ou compreensão de estarmos vivendo numa era que soa como um alarme nas nossas cabeças” (S05, p. 3). Percebe-se aí o mesmo procedimento discursivo observado em S10, qual seja, a atribuição de responsabilidade enunciativa ao resenhado conjugada com a mobilização de marcadores linguísticos que denunciam assunção de posições e valores.

Por sua vez, a resenhista-enunciadora de S08 aponta que “o livro de Krenak [*A vida não é útil*, de 2020] e a proposta de sonhar alternativas para a matriz capitalista que orienta nossa forma de estar no mundo são valiosos e têm que ser sonhados também nos contextos acadêmicos e fora da academia” (S08, p. 4). Nesse excerto, são abordados o imaginário anticapitalista e uma percepção de que há necessidade premente de ação prática a partir do pensamento krenakiano. Verifica-se aí que, sob a ótica da semiolinguística, o eu_e, ser de fala, instaura um pacto de intensa cumplicidade com o eu_c, validando Krenak como uma voz basilar para conter e reverter a devastação ambiental (Krenak, 2019).

Figura 3. Capa de *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020)



Ficha técnica: livro em brochura, com 104 páginas, formato de 11,0 × 16,0 cm e peso de 0,09 kg. Publicado em 24 jul. 2020 pelo selo Companhia das Letras. ISBN: 978-85-359-3358-1. Capa assinada por Alceu Chiesorin Nunes.

Avança-se para estudar o terceiro grupo, cujas representações orbitam em torno da concepção de literariedade mediadora de Ailton Krenak. Em S01, as autoras-enunciadoras constroem um imaginário sociodiscursivo de Krenak como “pessoa-

poesia”, uma “condição ontológica” que se manifesta no corpo, na palavra e na ação política (S01, p. 1). Mobilizam-se aí saberes de crença ao se afirmar que Krenak é “um *medium* entre pluriversos que não se excluem” e que “transita entre a floresta e a cidade grande” (S01, p. 4). O aspecto literário-poético é crucial: a poesia não está apenas em seus escritos, pois ela é sua própria existência performática. Quanto à relação enunciativa, o sujeito comunicante (eu_c) – as pesquisadoras encarnadas – apresenta-se como adepto da metodologia antropofágica,⁴ construindo um sujeito enunciador que é simultaneamente crítico e admirador. Parece haver uma fusão intencional entre eu_c e eu_e: o discurso acadêmico não descreve tão somente, mas celebra Krenak como encarnação da poesia viva, por meio do que se apagam as marcas de distanciamento científico em favor de um engajamento ético e também estético.

Em S07, Aversa (2021) projeta um imaginário de Krenak como crítico radical do pragmatismo moderno e da economia predatória. O enunciador escreve: “A fala de Ailton Krenak é forte e tem todo o peso da experiência de quem vivencia cotidianamente os efeitos da invasão moderna em terras americanas” (S07, p. 1). Aqui, Krenak é ponte entre a “vivência urbana moderna” e a “vivência natural”: ele é, pois, uma mediação denunciadora. O eu_c (isto é, a pessoa do resenhista) opera sob um contrato de comunicação próprio da crítica literária (Charaudeau, 2009), no qual o eu_e se esforça para apresentar-se como intérprete fiel do pensamento de Krenak, sem mesclar sua própria voz à do autor.

Já em S09, ergue-se um imaginário psicodinâmico: Krenak é o pensador para quem “importa o que sonho faz, não o que ele é” (S09, p. 423). O autor aproxima Krenak da etnologia ameríndia, fazendo dele uma ponte entre saberes ocidentais (mais especificamente a psicanálise) e indígenas. O sujeito comunicante, um pesquisador em formação, adota uma postura analítica comparativa, forjando um eu_e que se coloca como aprendiz da alteridade, em contraste com a autoridade científica branca tradicional.

Os três itens textuais que integram o grupo III mobilizam, assim, imaginários distintos, mas todos apoiados na figura de Krenak como interlocutor entre universos heterogêneos. Se S01 enfatiza a dimensão poético-performática do Krenak-escritor, S07

⁴ Nessa maneira de conceber o mundo, retoma-se a noção oswaldiana de antropofagia cultural como um gesto crítico-criativo de devoração e transformação das diferenças. No âmbito da pesquisa, ela consiste em deixar-se “devorar” pelo pensamento do outro (no caso, Krenak), para então estabelecer diálogos e sínteses que rompem com hierarquias coloniais entre saberes. É um processo de “vingança crítico-criativa”, que visa diminuir assimetrias entre a cultura do invasor e a da tradição (Silva; Dravet, 2025, p. 2).

destaca a crítica utilitarista. Por sua vez, S09 aprofunda as concepções de uma cosmologia onírica em Krenak, uma leitura que se poderia dizer “neoantropofágica” de Sigmund Freud. Em termos de regime de saber, os três *subcorpora* operam predominantemente com saberes de crença, já que validam Krenak como portador de uma verdade alternativa à cognição ocidental dominante. As relações entre as instâncias comunicante e enunciativa se distinguem: em S01, há uma quase identificação e correspondência entre eu_c e eu_e ; em S07, o eu_e parece se manter em posição de tradutor respeitoso, mas não fusionado ao ser psicossocial que lhe dá substância; já em S09, o eu_e se constrói a partir de um eu_c intelectualizado que compara e hierarquiza a favor de epistemologias indígenas.

Passa-se, com isso, às observações do último grupo. No *subcorpus* S04, hipotetiza-se que o eu_c atua sob tensões historiográficas e mobiliza um eu_e que valida, simultaneamente, saberes de crença e de conhecimento acerca da obra de Ailton Krenak. Esse enunciador diagnostica o apagamento de epistemologias não hegemônicas e posiciona o líder como resposta civilizatória, configurando um imaginário sociodiscursivo de resistência (Mello, 2012). A reparação histórica se organiza em torno do imperativo de “refazer o encontro por intermédio de uma história na qual as políticas temporais não estejam tão sedimentadas e míopes, possibilitando certa permeabilidade [...]” (S04, p. 16). Nesse movimento, projetam-se saberes de crença que concebem essas filosofias como proteção contra a modernidade. A alteridade indígena, assim, deixa de ser objeto de contemplação externa para elevar-se a referência de reparação e sentido (Krenak, 2019).

No *subcorpus* S06, o eu_c do autor cientista da informação engendra um eu_e ativista que consolida Krenak em uma forma de consagração decolonial. Os saberes mobilizados orientam-se pela justiça cognitiva, segundo a qual a reparação histórica se efetiva quando a ciência tradicional assimila epistemologias não hegemônicas (Xerfan; Leal, 2025). Essa crença se sustenta textualmente na premissa de que “A Biblioteconomia e a Ciência da Informação precisam repensar quais as fontes de informação estão sendo descritas, registradas e classificadas em nossas bibliografias e catálogos bibliográficos” (S06, p. 96). Segundo se afirma, o catálogo bibliográfico não seria um simples repositório neutro, já que pode funcionar como perpetuador de sistemas de exclusão de saberes minoritários frente a lógicas hegemônicas de produção do conhecimento.

3.2. *Observações integrativas sobre o corpus*

Em conjunto, os dez trabalhos analisados reverberam imaginários sociodiscursivos fortemente coesos, nos quais Ailton Krenak é elevado à condição de eixo interpretativo da crise contemporânea. À luz de Charaudeau (2007, 2009), trata-se de uma operação de simbolização que transforma a realidade em real significativa, organizando saberes e valores por meio do discurso. Nesse movimento, os autores-enunciadores articulam saberes de conhecimento e saberes de crença para conferir legitimidade epistêmica e densidade ética a suas leituras, produzindo um imaginário claramente *consagratório*, ainda que intelectualmente diversificado.

Nos grupos I e II, de orientação mais fortemente anticapitalista e ecológico-crítica, sobressaem saberes de conhecimento de perfil científico, baseados em teoria política, sociologia e geologia, manejando categorias como “capitaloceno”, “necropolítica” e o já bastante abordado antropoceno. Esses trabalhos fazem da obra de Krenak um instrumento de crítica ao neoliberalismo, ao excepcionalismo humano e à racionalidade extrativista. De outro lado, os saberes de crença de revelação parecem obter grande intensidade, sobretudo quando conceitos como “florestania” e “vida não útil” aparecem como verdades éticas imperativas e quase-dogmáticas. Aqui, eu_e e eu_c tendem a uma condensação explícita, configurando um “nós-verdadeiro” que se alinha à causa enunciada.

Nos grupos III e IV, de matiz literário e historiográfico-informacional, a argumentação se volta à ideia de um Krenak mediador. Em S01, S07 e S09, o saber de experiência, articulado conhecimentos como a psicanálise e a etnologia, é sustentáculo de um saber de crença opinativo centrado na valorização da “pessoa-poesia” e na possibilidade de trânsito entre universos por meio do sensível. Já em S04 e S06, a oralidade ameríndia e a história oral constituem saberes de experiência e de validação histórica, com maior zelo documental. Nesses casos, a relação eu_e-eu_c conserva uma distância metodológica relativa, preservando, ao menos em parte, o *éthos* do pesquisador comprometido com o contrato de comunicação científico.

A força persuasiva do *corpus* depende da combinação entre lastro científico e adesão valorativa. O saber de conhecimento legitima a leitura, enquanto o saber de crença orienta a tomada de posição. Quando se trata de crença, a revelação supera a opinião em intensidade, pois o material analisado apresenta Krenak como profeta-portador de uma ética civilizatória capaz de reorganizar o horizonte interpretativo do presente. Assim, tu_a

e tu_i são cuidadosamente construídos para serem acolhidos e para reforçar e converter destinatários outros, em uma comunidade de adesão compartilhada.

É incontestável que Krenak, entre conhecimentos e crenças, se faz uma referência contra-hegemônica, articulando justiça científica, ecocrítica e reparação simbólica. Esse mesmo gesto, porém, pode produzir *efeitos de sentido de simplificação*, pois a potência consagratória tende a reduzir tensões, ambiguidades e contradições internas de sua obra. Em termos semiolinguísticos, a transformação do real em significante é eficaz, mas cobra o preço de uma crítica menos pronunciada na interdiscursividade do *corpus*.

Considerações finais

“O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno [*sic*]” (Krenak, 2019, p. 58).

A análise transversal do *corpus* constituído para esta pesquisa evidenciou uma estrutura discursiva estabilizada na formulação dos imaginários sociodiscursivos sobre Ailton Krenak e seu repertório intelectual. Os estudos articulam saberes científicos e experienciais para fundamentar as respectivas bases interpretativas. Observa-se, do mesmo modo, a mobilização de saberes de revelação (Charaudeau, 2007), que conferem à obra de Krenak um caráter normativo e, em certa medida, profético (quadro 3).

Em um plano semiolinguístico, a dinâmica entre o sujeito enunciador (eu_e) e o sujeito comunicante (eu_c) apresenta variações operacionais:

- Grupos I e II: *subcorpora* que demonstram tendência a uma integração discursiva alinhada ao engajamento político direto;
- Grupos III e IV: *subcorpora* em que se preserva relativamente o recuo metodológico por meio de um distanciamento enunciativo formalizado.

Por sua vez, as instâncias de interlocução estruturam-se para direcionar a recepção do leitor: o tu destinatário (tu_d) é geralmente posicionado como parceiro decolonial, enquanto o tu interpretante (tu_i) é conduzido a processar a perspectiva krenakiana de maneira positiva.

A consolidação de Ailton Krenak no espaço institucional e midiático – que é, dentre outros aspectos, exemplificada pela posse recente desse estudioso na ABL (FUNAI, 2024) –, indica a posição de um filósofo não convencional em franca crítica e interlocução com as matrizes ocidentais de pensamento (Mellado Gómez; Buló Vargas,

2025). Trata-se de um fato que ilustra a expansão do contrato de comunicação científico contemporâneo, caracterizado pela progressiva, mas às vezes morosa, validação de referenciais contra-hegemônicos nos mais elevados estratos de avaliação acadêmica.

A revisão aponta, porém, implicações metodológicas decorrentes do pendor celebratório do conteúdo discursivo analisado. O alinhamento incondicional dos autores-enunciadores tende a mitigar o exame de tensões estruturais e eventuais fragilidades teórico-procedimentais na obra do autor. No momento em que priorizam a validação ético-política em detrimento de certo distanciamento analítico, algo inerente ao contrato científico, as investigações podem diluir seu potencial de problematização. Nessa linha, o avanço na área demanda abordagens que promovam o reconhecimento da relevância histórica e intelectual de Krenak, evitando, contudo, a sacralização de seu pensamento ou de sua personalidade.

Quadro 3. Panorama dos principais imaginários agenciados no *corpus*

Grupo	Saberes de conhecimento predominantes	Saberes de crença predominantes
I S02, S03 e S10	Científico-eruditos (teoria política, sociologia: “capitaloceno”, “necropolítica”)	Ideológico-revelacionais (condenação do neoliberalismo, convocação à “florestania”)
II S05 e S08	Científicos (geologia, história: “antropoceno”); de experiência (crise ambiental, pandemia de covid-19)	Opinativos e éticos (rejeição do excepcionalismo humano, valorização da simbiose)
III S01, S07 e S09	Científico-eruditos (etnologia, psicanálise, teoria da literatura); de experiência (etnografia)	Estético-afetivos (valorização da poeticidade encarnada na pessoa de Krenak)
IV S04 e S06	Científicos e de experiência (metodologia da história oral, teoria da catalogação)	Éticos (instituição da oralidade indígena brasileira como verdade reparadora)

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). **Ailton Krenak**: biografia. Rio de Janeiro, [2024?]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak/biografia>. Acesso em: 08 jun. 2026.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. Trad. e adap. Lelia Gándara. 1. ed., 4. reimp. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (Argentina): Eudeba, 2010.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson F. da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (org.). **Stéréotypage, stéréotypes**: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Paris: L'Harmattan, 2007. p. 49-63.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Coord. trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHARAUDEAU, P. **Les médias et l'information**: l'impossible transparence du discours. 2. ed. Bruxelles (Bélgica): De Boeck, 2011.
- CHARAUDEAU, P. **A manipulação da verdade**: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. Trad. Dóris de A. C. da Cunha e André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.
- CHARAUDEAU, P. A socio-communicational model of discourse (between communication situation and individuation strategies). In: ABLALI, D.; ACHARD-BAYLE, G. (ed.). **French theories on text and discourse**. Berlin (Alemanha); Boston (Estados Unidos da América): De Gruyter, 2023. p. 207-229.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS (FUNAI). **Ailton Krenak é o primeiro indígena a se tornar 'imortal' da Academia Brasileira de Letras**. Brasília (DF), 06 abr. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/ailton-krenak-e-o-primeiro-indigena-a-se-tornar-2018imortal2019-da-academia-brasileira-de-letras>. Acesso em: 08 jun. 2026.
- INOCÊNCIO, A. F. Política das alianças afetivas: contribuições das cosmologias ameríndias de Ailton Krenak para uma Educação Ambiental decolonial. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 8, n. 7, p. 121-137, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/14851>. Acesso em: 08 jun. 2026.
- JODELET, D. Social representations: the beautiful invention. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, Oxford (Reino Unido), v. 38, n. 4, p. 411-430, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-5914.2008.00383.x>. Acesso em: 08 jun. 2026.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MELLADO GÓMEZ, D; BULO VARGAS, V. Cosmopolíticas afectivas: una aproximación al pensamiento político de Ailton Krenak. **Pucara**, Cuenca (Equador), v. 2, n. 36, p. 63-73, 2025. Disponível em: <https://publicaciones.ucuenca.edu.ec/ojs/index.php/pucara/article/view/6074>. Acesso em: 08 jun. 2026.

MELLO, R. A. Especificidades e intersecções entre os conceitos de imaginários sociodiscursivos, imagem de si, estereótipos e representações sociais. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2012, Uberlândia. **Anais do SIELP**. Uberlândia (MG): EDUFU, 2012. v. 2, n. 1. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_256.pdf. Acesso em: 8 jun. 2026.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

SILVA, N. N. A colonização na tessitura do Antropoceno: as ponderações de Ailton Krenak. **Leitura**, Maceió, v. 1, n. 84, p. 105-121, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/17935>. Acesso em: 08 jun. 2026.

XERFAN, M.; LEAL, I. Adiado o fim do mundo: ancestralidade e ativismo na obra de Ailton Krenak. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria (RS), v. 18, n. 1, e11, p. 1-18, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/90609>. Acesso em: 08 jun. 2026.

Fonte do corpus

AVERSA, V. P. Resenha de: KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. **Último Andar**, São Paulo, v. 24, n. 38, p. 232-237, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/53901>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S07]

CARVALHO, R. R. L. Ideias para adiar o fim do sonho (e do sonhar): aspectos da vida onírica para Ailton Krenak. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 418-434, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/45865>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S09]

FERREIRA, A. L.; FILIZOLA, G. J. Ideias para adiar o fim do mundo, sobre a obra de Ailton Krenak “Ideias para adiar o fim do mundo”. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 1-5, 2021. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/%20article/view/1650>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S05]

FRANCO NETO, M. Seguir contando histórias: o gesto antropofágico e o significado existencial da história na obra de Ailton Krenak. **Revista de História**, São Paulo, n. 181, p. 1-24, 2022. Disponível em: https://revistas.usp.br/revhistoria/pt_BR/article/view/196181. Acesso em: 06 jun. 2026. [S04]

MAURER, C. Ailton Krenak e a defesa da inutilidade da vida. **Vozes & Diálogo**, Itajaí (SC), v. 21, n. 2, p. 58-61, 2022. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/19720>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S10]

NOGUEIRA, B. G. B.; MOREIRA, N. C.; PINTO, F. D. A. Costuras para adiar o fim do mundo: reflexões com base na obra *A vida não é útil*, de Ailton Krenak. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília (DF), n. 67, e6702, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/nv96SkTmg3WBMVDSkpYpWy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S03]

REIS, D. S. Educação e ancestralidade em contratempo: nos rastros de Ailton Krenak. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 53, e10377, p. 1-5, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/10377>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S02]

ROMEIRO, N. L.; SANTOS, B. A. Bibliografia selvagem: um estudo sobre a biblioteca do Ailton Krenak e seu catálogo colaborativo. **Ciência da Informação**, Brasília (DF), v. 52, n. 1, p. 90-103, 2023. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5908>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S06]

SAVI, M. P. Para Ailton Krenak em *A vida não é útil*, “somos a praga do planeta”, mas podemos mudar. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/76799>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S08]

SILVA, M.; DRAVET, F. Ailton Krenak, pessoa-poesia em *performance*. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, e139566, p. 1-28, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/zh7K8TyPWqRjVfnqTYMWg6y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2026. [S01]